

Ecos do Modernismo: o Clube da Madrugada e as artes visuais

Ecos del Modernismo:
el *Clube da Madrugada* y las artes visuales

Echoes of Modernism:
the *Clube da Madrugada* and the visual arts

Luciane Viana Barros Páscoa

Doutorado em História Cultural pela Universidade do Porto (2006), professora do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, UEA.

E-mail: luciane.pascoa@gmail.com  orcid.org/0000-0001-7751-0189

RESUMO

Este artigo aborda o movimento artístico do Clube da Madrugada de Manaus em suas atividades vanguardistas, sua interlocução com o ensino das artes, assim como algumas obras representativas dos artistas integrantes. A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fizeram do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX. No cariz ideológico, o Clube da Madrugada aproximou-se do comunismo anarquista, também conhecido como comunismo libertário, buscando uma aproximação maior entre arte e público. Dentre as ações para as artes visuais, o Clube da Madrugada realizou diversas exposições, feiras de arte, festivais de cultura e festival de cinema. O Clube da Madrugada procurou estabelecer um diálogo com outras instituições, tais como a Pinacoteca do Estado do Amazonas. Percebe-se que uma concepção moderna de arte manifestou-se em Manaus após a criação do Clube da Madrugada e passou a ser difundida com a Pinacoteca do Estado do Amazonas. Foram selecionados os artistas que comprovadamente integraram o movimento no período de 1954 a 1972 e com poéticas particulares formaram um valoroso quadro das artes visuais no Amazonas.

Palavras-chave: Manaus – artes visuais; Clube da Madrugada; Modernismo – Amazonas; Movimento artístico; Brasil – Arte – século XX.

RESUMEN

Este artículo aborda el movimiento artístico del *Clube da Madrugada* de Manaus en sus actividades vanguardistas, su interlocución con la enseñanza de las artes, así como algunas obras representativas de los artistas integrantes. La intervención en la prensa a través de publicación en periódicos, la creación de una revista literaria, la amplitud y la diversidad de intereses culturales además del acentuado carácter libertario, son algunas características que hicieron del *Clube da Madrugada* un movimiento artístico y literario típico del siglo XX. En el cariz ideológico, el *Clube da Madrugada* se acercó al comunismo anarquista, también conocido como comunismo libertario, buscando una aproximación mayor entre arte y público. Entre las acciones para las artes visuales, el *Clube da Madrugada* realizó diversas exposiciones, ferias de arte, festivales de cultura y festival de cine. El *Clube da Madrugada* procuró establecer un diálogo con otras instituciones, tales como la Pinacoteca del Estado de Amazonas. Se percibe que una concepción moderna de arte se manifestó en Manaus tras la creación del *Clube da Madrugada* y pasó a ser difundida con la Pinacoteca del Estado de Amazonas. Se seleccionaron los artistas que comprobadamente integraron el movimiento en el período de 1954 a 1972 y con poéticas particulares formaron un valioso cuadro de las artes visuales en el Amazonas.

Palabras clave: Manaus – artes visuales; Clube da Madrugada; Modernismo – Amazonas; Movimiento artístico. Brasil – Arte – siglo XX.

ABSTRACT

This paper deals with the artistic avant garde action called *Clube da Madrugada*, its educative purposes and some representative art works by the leading members. Some other features here includes the group and relationship with periodic newspapers, an original literary magazine, as the large scope of cultural interests with some progressive political thoughts, all of this consisting in a very typical art action in the mid 20th century. Ideologically, *Clube da Madrugada* was near of anarchist and communist ideal, once they are ever searching for approaching between public and art work. In the visual arts domains *Clube da Madrugada* supported many displays, exhibitions, festivals (including those for movies and general culture themes). The club also keeps constant dialog with many public and private institutions, as State of Amazonas Pinakothek. All these events transformed the art scene at Manaus, towards a contemporary way to nowadays. This paper selected some artists from 1954-1972 period. Their peculiar poetics allows to see a bigger picture of Visual Arts at Amazonas.

Keywords: Manaus - visual arts; Clube da Madrugada; Modernism - Amazonas; Artistic movement; Brazil - Art - 20th century.

Contexto e caracterização do Clube da Madrugada

O surgimento do Clube da Madrugada em Manaus coincidiu com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. Segundo um de seus fundadores, o poeta Jorge Tufic, os antecedentes históricos do Clube estão nos primeiros encontros literários que aconteceram em 1949, na residência do poeta e pintor Anísio Mello. (TUFIC, 1965)

Este grupo editou um pequeno jornal chamado O Eco e ainda nesse período foi publicada uma revista por Anísio Mello, intitulada Amazonas Ilustrado, com três edições. Destas frequentes reuniões literárias e da vontade de modernização artística, o nascimento oficial do Clube da Madrugada deu-se em 22 de novembro de 1954. Dentre os integrantes, estavam Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, Carlos Farias de Carvalho, José Pereira Trindade, Humberto Paiva, Teodoro Botinelly, Luiz Bacelar, Celso Melo, Fernando Colliyer e João Bosco de Araújo. (TUFIC, 1984, p.21) A autoria do nome do grupo é

consensualmente atribuída ao poeta Luiz Bacellar, pois queria-se expressar a ideia de uma associação informal de homens de letras.

A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais que envolviam exposições de artes plásticas, concertos, recitais de poesia, debates e conferências, além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fizeram do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX. (PÁSCOA, 2011, p.88)

Neste período, a evolução aparentemente regular e tranquila no terreno das artes pareceu subitamente interrompida, refletindo uma mudança análoga da visão que o homem tinha do mundo. Transformações sociais, políticas e econômicas ocorriam paralelamente ao desenvolvimento filosófico e científico, bem como ao concomitante colapso de sistemas e valores autoritários tradicionais.

O Clube da Madrugada teve seu manifesto publicado na primeira e única edição da Revista Madrugada I, em novembro de 1955 como comemoração

de um ano de formação do Clube. As primeiras propostas do Clube da Madrugada mostravam um programa de luta e buscavam romper com uma certa mistificação do homem da região, pois o conteúdo deste manifesto tinha um caráter contestador.

O Clube da Madrugada foi influenciado na literatura pela Geração de 45 e imbuído de todas as aspirações políticas do pós-guerra, desempenhou um papel importante na promoção das artes plásticas. A boemia foi uma característica importante do Clube e marcou sua relação tanto com a política revolucionária quanto com a arte de vanguarda. O termo “boemia”, que originalmente se referia à ociosidade ou à vida errante dos ciganos, foi adotado no século XIX por muitos artistas e intelectuais que metaforicamente se viam como “sem-teto” na cultura da sociedade capitalista. Neste sentido, a boemia indicava protesto, inclinação à vanguarda, independência ou indiferença às convenções sociais. (BLAKE, FRASCINA, 1998, p.50)

A partir dos anos 60, começou uma nova fase no Clube da Madrugada, sob a presidência do jornalista e escritor Aluísio Sampaio, que diversificou as frentes de atuação do grupo. Neste momento o

Clube ganhou novos membros: os artistas plásticos Álvaro Páscoa, Getúlio Alho, José Coelho Maciel, Hahnemann Bacelar, os escritores Ernesto Pinho Filho, João Bosco Evangelista, Edison e Elson Farias, Márcio Souza, Alcides Werk, Carlos Gomes, Ernesto Penafort, além dos estudiosos de cinema Cosme Alves Neto, Ivens Lima e José Gaspar. A atuação do Clube na imprensa periódica aconteceu através da página suplementar dominical Caderno Madrugada em O Jornal, entre 1961 e 1972, na qual foram reunidas e divulgadas grande parte da produção literária e artística do grupo. Em 1961 foram publicados os Estatutos do Clube da Madrugada, mostrando a necessidade de transformação e organização interna do grupo, que mesmo assim não perdeu seu caráter libertário. (PÁSCOA, 2011, p.101)

Tal configuração era notada através da atuação coletiva, com propostas educativas e ações culturais iniciadas em pequenos núcleos, mas que depois envolviam toda a comunidade. No perfil ideológico, o Clube da Madrugada aproximou-se do comunismo anarquista, também conhecido como comunismo libertário. Nesta junção de sistemas, observa-se a negação do autoritarismo e a busca de uma estrutura social que

não viesse a exercer qualquer forma de coação sobre o indivíduo, somando-se à uma proposta social, política e econômica que favorecesse alguma forma de propriedade coletiva dos meios de produção. (BURGUIÈRE, 1993, p.169) No âmbito cultural, pensava-se que a arte e a educação deveriam estar ao alcance de todas as pessoas. Existia claramente uma preocupação social e coletiva, que transparecia nas atitudes tomadas pelo Clube da Madrugada, ainda que alguns dos integrantes não compartilhassem da ideologia anarco-comunista predominante.

As ações de vanguarda

O Clube da Madrugada buscou formas alternativas de promoção artística e cultural, que não dependessem de imposições institucionais. Desse modo, muitos eventos foram realizados ao ar livre, tais como os lançamentos de livros nas manhãs de sábado na praça da Polícia, ou mesmo as exposições de artes plásticas nas praças e até na praia, além dos festivais e das feiras de cultura. (AGUIAR, 2002, p.63) Estes projetos envolveram um grande número de participantes e consequentemente causaram um impacto enorme na cidade. Foram propostas incomuns que esta-

vam ainda por ser exploradas em outras capitais, como foi o caso dos eventos ao ar livre e manifestações de Arte-na-rua, onde se buscava uma interação e participação maior do público (CLAUSEN, 2016). Aconteceram eventos desta natureza no aterro da Glória no Rio de Janeiro em 1967 com os parangolés de Hélio Oiticica, na I Feira de Arte organizada pela Associação de Artistas Plásticos do Rio de Janeiro e uma significativa promoção deste gênero foi o Um Mês de Arte Pública coordenado pelo crítico de arte Frederico Morais e promovida pelo Diário de Notícias no Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro em 1968. (MORAIS, 1975, p.54)

Em Manaus, a I Feira de Artes Plásticas foi organizada em 1963 (portanto antes dos outros exemplos nacionais citados acima), na Praça da Matriz e a III Feira de Artes Plásticas, também conhecida como o Grande Festival de Artes Plásticas ocorreu em 1966, na praia da Ponta Negra. As primeiras manifestações de poesia de muro promovidas pelo Clube da Madrugada datam de 1965-1966 e as exposições do grupo Poema-Processo aconteceram a partir de 1968 no Rio de Janeiro.

Entretanto as origens do movimento Arte-na-rua são bem mais antigas. Este termo (Art à la Rue) foi usado primeiramente para referir-se a um movimento formado por um pequeno grupo de arquitetos e artistas ligados ao movimento Art Nouveau no período entre 1890 e 1900 em Bruxelas e Paris. O objetivo específico deste movimento era levar a arte para as classes trabalhadoras, além de estabelecer ações de reforma social, cujas raízes eram oriundas do socialismo francês, das teorias políticas do príncipe anarquista russo Piotr Kropotkine e dos ensaios tardios do pintor e crítico de arte inglês William Morris. O principal local para esta arte era a rua, logradouros e endereços públicos, onde as pessoas comuns passavam a maior parte de seu tempo de lazer (CLAUSEN, 2016). É justamente aqui que o movimento francês parece encontrar-se com o Clube da Madrugada, pois os membros deste último se disseram inicialmente influenciados pelos modernistas da Semana de 22, que tinham seus olhos voltados para as vanguardas europeias.

O termo Arte-na-rua foi empregado pelo Clube da Madrugada no Brasil muito antes do movimento tropicalista e da Nova Objetividade, como é possível observar numa nota publicada no

suplemento artístico e literário Caderno Madrugada de O Jornal em 1966:

Diante do êxito que assinalou a III Feira de Artes Plásticas do Amazonas, é pensamento da direção do Clube da Madrugada dar maior ênfase à política de ARTE NA RUA, caracterizada pelo empenho de levar a arte ao povo, eliminando, tanto quanto possível, as fronteiras entre a obra de arte e o grande público. (Caderno Madrugada, 1966)

Pode-se afirmar certamente que houve em Manaus uma ação vanguardista, cujo impacto cultural que não era visto desde o término do Ciclo da Borracha. O Clube da Madrugada realizou exposições de vários tipos: individuais de membros do Clube, exposições coletivas e as exposições individuais de artistas não-residentes convidados. Em 1º de julho de 1962 foi inaugurado o I Salão Madrugada no SESC-SENAC, expondo nele três artistas do Clube: Afrânio de Castro (desenho), Álvaro Páscoa (escultura) e Moacir Andrade (pintura).

Nos anos em que foi presidente do Clube da Madrugada, Aluísio Sampaio ofereceu um grande apoio às artes visuais. Por intermédio deste jornalista e ativista cultural, o clube transformou o hall do edifício onde funcionava o Jornal do Comércio, numa galeria de arte,

onde foram realizadas muitas exposições. Cabe aqui destacar a presença do arquiteto e artista plástico argentino Horacio Elena, que expôs na Galeria Jornal do Comércio em julho de 1964, no ano em que o Clube comemorava o seu 10º aniversário. (PÁSCOA, 2011, p.125)

Os pontos considerados culminantes no âmbito das artes plásticas foram as Feiras de Artes Plásticas. A I Feira de Artes Plásticas ocorreu em 24 de dezembro de 1963, na Praça da Matriz (ou da Catedral). Além dos artistas que já faziam parte do Clube, foram revelados os jovens Gualter Batista, Simão Assayag, Jair Jacqmont, Paulo D'Astuto e Getúlio Alho. Este evento foi documentado com uma filmagem feita por Ivens Lima. A II Feira de Artes Plásticas ocorreu em 26 de dezembro de 1964, sob a gestão de Francisco Vasconcelos, que havia tomado posse no mês anterior.

A II Feira foi montada no térreo do Palácio da Cultura e os trabalhos se estenderam pela Praça da Saudade. O grande êxito foi a revelação de novos artistas e a afirmação de artistas que já haviam participado da I Feira. Hahnemann Baccelar, José Maciel, Carlos Fonseca, foram premiados na modalidade pintura, e no desenho foi premiado Jair Jacqmont

e Gualter Batista recebeu uma menção honrosa. (CLUBE DA MADRUGADA, 1965)

A III Feira de Artes Plásticas aconteceu em 21 de agosto de 1966, na praia da Ponta Negra. Em pleno verão amazonense, a III Feira expôs cerca de cem trabalhos de artistas locais, entre gravuras, pinturas, desenhos e esculturas. Como já tinha sucedido na I Feira a III Feira foi documentada com uma filmagem em cores por uma equipe de jovens cineastas amazonenses: Felipe Lindoso, Raimundo Feitosa e Roberto Kahané. Este documentário ganhou posteriormente o título de Plástica e Movimento, contando com a produção entusiasta de Aluísio Sampaio, que tinha em seus planos a exibição do documentário nos cinemas da cidade. (NOTAS, 1966)

Outros eventos inovadores promovidos pelo Clube da Madrugada foram a Feira de Cultura e os Festivais da Cultura. A Feira de Cultura foi realizada com o apoio do Departamento de Cultura da Secretaria da Educação, da União Brasileira de Escritores e do Grupo de Estudos Cinematográficos. Realizou-se entre os dias 19 de novembro a 6 de dezembro de 1968 na Praça da Polícia,

com um programa variado, com exposição e lançamento de livros, exposição coletiva de artes plásticas, poesia de muro (com poemas-processo), festa do violão, exibição de filmes, com o lançamento de Brasil em Tempo de Cinema, de Jean-Claude Bernardet, Vidas Secas de Nelson Pereira dos Santos, recitais de poesia, apresentação de grupos musicais populares e peça teatral apresentada pelo Grupo de Teatro Universitário.

Os Festivais da Cultura foram promoções realizadas anualmente pela Fundação Cultural do Amazonas e Clube da Madrugada, onde eram atribuídos nas áreas de literatura, cinema, artes plásticas, música popular e teatro, os Prêmios Estado do Amazonas. Havia uma comissão julgadora composta por membros do Conselho Estadual de Cultura. No II Festival da Cultura (1968), ganhou o prêmio na área das artes plásticas o artista Hahnemann Baccelar, ficando Afrânio de Castro e Moacir Andrade com menções honrosas. No IV Festival da Cultura (1970), concorreram ao prêmio na área de artes plásticas Carlos Ferreira de Lima, José Maciel, Manuel Borges, Regina Farias, Moacir Andrade e Afrânio de Castro, dividindo o 1º Lugar os artistas Moacir Andrade e José Maciel. O Clube da Madrugada

apoiou diversas atividades culturais em intercâmbio com outros grupos independentes (GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos) e institucionais (Fundação Cultural do Amazonas, Pinacoteca do Estado do Amazonas, UBE - União Brasileira de Escritores). Dentre estas atividades, merece destaque o I Festival de Cinema Amador do Amazonas, que aconteceu em 1966, no mesmo ano do I Festival Internacional de Filmes de Curta-metragem (promovido pelo GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos e Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro).

O I Festival de Cinema Amador do Amazonas, que contou com a chancela do Clube da Madrugada e com o patrocínio da empresa cinematográfica J. Borges e do programa Cinemascope no Ar (dirigido por Ivens Lima) da Rádio Rio Mar, foi a primeira oportunidade para os cineastas locais mostrarem seus trabalhos. Dentre os filmes que concorreram neste festival, o 1º Lugar foi atribuído à obra Carniça, de Normandy Litaiff e Aluísio Sampaio. Era um filme curta-metragem em preto e branco, com influência neorrealista. Em 2º Lugar estava Um Pintor Amazonense, realizado por Felipe Lindoso, Roberto Kahané e Raimundo Feitosa, sobre o cotidiano e

a obra de Hahnemann Bacelar e rodado em Super 8; em 3º Lugar, o Harmonia dos Contrastes, em 16 mm, de Ivens Lima, Cezídio Barbosa e Luiz Saraiva. (PÁSCOA, 2011, p.140)

Foi desenvolvido um programa radiofônico do Clube da Madrugada, chamado Dimensões, na Rádio Rio Mar, entre 1964/65. Era dirigido por uma equipe composta por Ivens Lima, Jorge Tufic, Elson Farias, Alencar e Silva, Padre Ruas, Francisco Vasconcelos, Aluísio Sampaio, Carlos Gomes, além da participação de Neide Gondim. O programa tinha um slogan que sintetizava a preocupação central do Clube da Madrugada, que era a difusão da arte e da cultura para o povo: “a arte só é grande e autêntica quando assume expressão social” (VASCONCELOS, 1965, p.5).

Outra ação de vanguarda proporcionada pelo Clube da Madrugada foi a proposta da Poesia de Muro. Marcando uma fase experimental entre alguns poetas, a Poesia de Muro foi lançada pela página artística Caderno Madrugada em O Jornal, entre 1965/66. Os ensaios teóricos sobre este movimento foram da autoria de Jorge Tufic, que chegou mesmo a elaborar um manifesto intitulado Muri-festo. O objetivo era o mesmo das exposições de artes plásticas ao ar livre: levar

a arte até o povo, e neste caso, a poesia até o povo. O processo experimental da poesia de muro envolvia um trabalho de equipe, onde participavam os poetas e os artistas plásticos. (TUFIC, 1971)

Próxima da poesia concreta, onde o poeta é um configurador de mensagens preocupado com o desenvolvimento formal dinâmico dos signos, a poesia de muro teve uma relação mais estreita com o Poema/Processo, movimento idealizado pelo poeta Wladimir Dias Pino, que já havia participado das experiências concretistas na revista Noigrandes. O poema/processo procurava sair do código linguístico para enfatizar o código visual. (TUFIC, 2002, p.109)

Diálogos com a Pinacoteca do Estado do Amazonas

É necessário mencionar os diálogos culturais estabelecidos entre o Clube da Madrugada e outras instituições, destacando-se a relação com a Pinacoteca do Estado do Amazonas. Fundada em 1965 pelo governador Arthur Reis com o objetivo de abrigar o acervo museológico do Estado e de propagar o ensino das artes plásticas, a Pinacoteca funcionava na ala norte do segundo pavimento do prédio da Biblioteca Pública. Nesse

espaço foram ministrados cursos de desenho por Manoel Borges, xilogravura e história da arte por Álvaro Páscoa e pintura por Moacir Andrade, formando-se uma geração de artistas plásticos amazonenses a partir de então. Percebe-se que uma concepção “moderna” de arte manifestou-se em Manaus após a criação do Clube da Madrugada e passou a ser difundida com a Pinacoteca do Estado do Amazonas. É possível estabelecer uma estreita relação entre o Clube e a Pinacoteca, pois Moacir Andrade e Álvaro Páscoa, professores da instituição, eram membros do Clube.

O pintor Moacir Andrade foi o diretor-fundador da Pinacoteca e permaneceu durante quatro anos. Após deixar esta direção para assumir o cargo de assistente comercial na Fundação Cultural do Amazonas, foi incumbido dessa tarefa o escultor Álvaro Páscoa. Posteriormente Afrânio de Castro também ocupou este cargo. Museu e escola dividiam o mesmo espaço, interagindo. Os alunos tinham desse modo, um contato direto com o acervo de arte plásticas do Estado, como parte deste aprendizado visual. No intervalo dos stands com as obras, ficavam as mesas e os cavaletes, havia também um quadro negro onde

eram ministradas as aulas de história da arte. (PÁSCOA, 2011, p.154)

As atividades da Pinacoteca não se restringiam apenas ao prédio da Biblioteca Pública, pois aconteciam também ao ar livre, com aulas de desenho e pintura. Havia uma grande movimentação de alunos e visitantes na Pinacoteca, como é possível observar no registro de frequência durante o ano de 1970, que revela o fluxo de 2.070 pessoas. (FARIAS, 1970, p.3). Além das aulas regulares e exposições a Pinacoteca promovia conferências sobre temas artísticos diversos.

O intercâmbio cultural entre a Pinacoteca e o Clube da Madrugada aconteceu de várias maneiras: através das exposições no Salão da Pinacoteca, ou pelo apoio mútuo oferecido durante a realização das Feiras de Artes Plásticas. A Pinacoteca adquiria obras de artistas expositores, recebia doações e desse modo, o acervo foi se tornando mais rico e abrangente.

Na época de sua fundação, já possuía obras de artistas acadêmicos de renome nacional, tais como Aurélio de Figueiredo, Antônio Parreiras, Fernandes Machado e Eliseu Visconti. Figuraram

neste acervo obras de Manoel Santiago e de sua esposa Haydéa Santiago, além de quase todos os representantes artísticos do Amazonas. A pintura brasileira está representada neste acervo, através de Marianne Overbeck, Dakir Parreiras, João José Rescala, Antônio Dias, Sólton Botelho e Roberto Burle Marx. Representantes nacionais da xilogravura são Emanuel Araújo, Rossini Perez, Roberto Delamônica e Dora Basílio. Uma das mais preciosas aquisições foi uma cerâmica de Pablo Picasso, da Série da Paz (1954). (PÁSCOA, 2011, p.167)

Os artistas e sua produção

Dentre os artistas selecionados durante esta pesquisa, sobressaíram os que comprovadamente integraram o Clube da Madrugada no período de 1954 a 1972, a fase mais produtiva e efervescente do movimento.

A partir de 1945 desponta Moacir Andrade (Manaus, 1927-2016). Pintor, desenhista e professor, estudou Museologia no Museu Histórico Nacional. Em 1954 participou do círculo intelectual fundador do Clube da Madrugada. Foi responsável pela organização do Museu de Arte Folclórica e Popular do Amazonas e em 1965 foi o diretor-fundador

da Pinacoteca Pública do Estado do Amazonas. Realizou diversas exposições individuais e participou de várias mostras coletivas, dentre as quais vale destacar a 1.^a Bienal Nacional de Artes Plásticas, Salvador (1966); Arte/Brasil/ Hoje-50 Anos Depois, na Galeria Collectio, São Paulo (1972); Salão Aberto de Artes Plásticas da Fundação Cultural do Amazonas, em Manaus (1976). Moacir Andrade transitou entre o figurativismo expressionista, a abstração lírica, o realismo fantástico e o paisagismo naturalista.

No início dos anos 1950, Moacir Andrade tomou contato com algumas obras de Pablo Picasso, e experimentou algumas composições com influências da Escola de Paris. Nos anos 1960 o artista fez uma breve incursão pelo abstracionismo lírico na obra Abstração nº 1, (1962) (Figura 1), onde experimentou livremente as cores e as texturas, possibilidades pictóricas que serão posteriormente incorporadas em algumas obras paisagísticas.

Com participação no Clube da Madrugada ainda nos anos 1950, evidencia-se Óscar Ramos (Itacoatiara, 1938), desenhista, pintor e diretor de arte. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1960,

Figura 1 - Moacir Andrade,
Abstração no 1. Acrílica sobre
tela, 1962.

Fonte: Coleção particular.



onde estudou pintura com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna. Mais tarde, passou dois anos na Espanha, onde foi aluno de Manolo Mompó, ocasião em que tomou contato com o movimento construtivista através dos teóricos Ángel Crespo e Pilar Gómez-Bedate. Aproximou-se do movimento Nova Figuração através do Grupo Crônica de Valença e da Nueva Figuración Argentina. Dentre outras premiações, em 1965, foi o primeiro colocado no concurso do Prêmio Homenagem a Dante, da Piccola Galeria (Rio de Janeiro), recebendo viagem à Itália. Dedicou-se também ao cinema e à publicidade, executando a atividade de diretor de arte de vários filmes

e comerciais. Atualmente atua como curador de exposições no Amazonas.

Nas obras elaboradas para ilustração, observa-se movimento e uma propensão para a organização geométrica construtivista. Na pintura Sem Título (s.d.) (Figura 2), pertencente ao acervo da Pinacoteca do Amazonas, o artista mostra sua tendência construtivista, utilizando formas retangulares vermelhas, dispostas em diagonal, sobre um fundo marfim, proporcionando um efeito de equilíbrio e continuidade.

Nos anos 1950, sobressai Anísio Mello (1927-2010). Pintor, poeta, escritor, escultor e professor. Iniciou seus estudos

de desenho e pintura com sua mãe, a artista plástica Esther Mello. Graduiu-se em Filosofia e Línguas Neolatinas em São Paulo. Fundou e dirigiu jornais e revistas, dentre eles o jornal O Eco e a revista Amazonas Ilustrado. Publicou vários livros, incluindo poesia, folclore amazônico, crítica literária, contos e ensaios. A partir de 1985 assumiu a direção do Liceu de Artes do Amazonas Esther Mello. Após o contato com o Clube da Madrugada, sua pintura sofreu modificações aderindo ao abstracionismo líri-

co e na sequência inserindo experimentos de colagem de objetos às pinturas em óleo, utilizando técnica semelhante à pintura combinada (combine painting) da pop art norte-americana. Dentre suas exposições coletivas, destacam-se: Salão da França Livre em Paris, a convite da Embaixada Francesa no Brasil, premiado com medalha de ouro (1948); I Salão dos Artistas de São Paulo na Galeria Califórnia, São Paulo (1958); II e III Salão Curupira de Artes Plásticas, Manaus (1981 e 1988); Panorama da Atual Arte

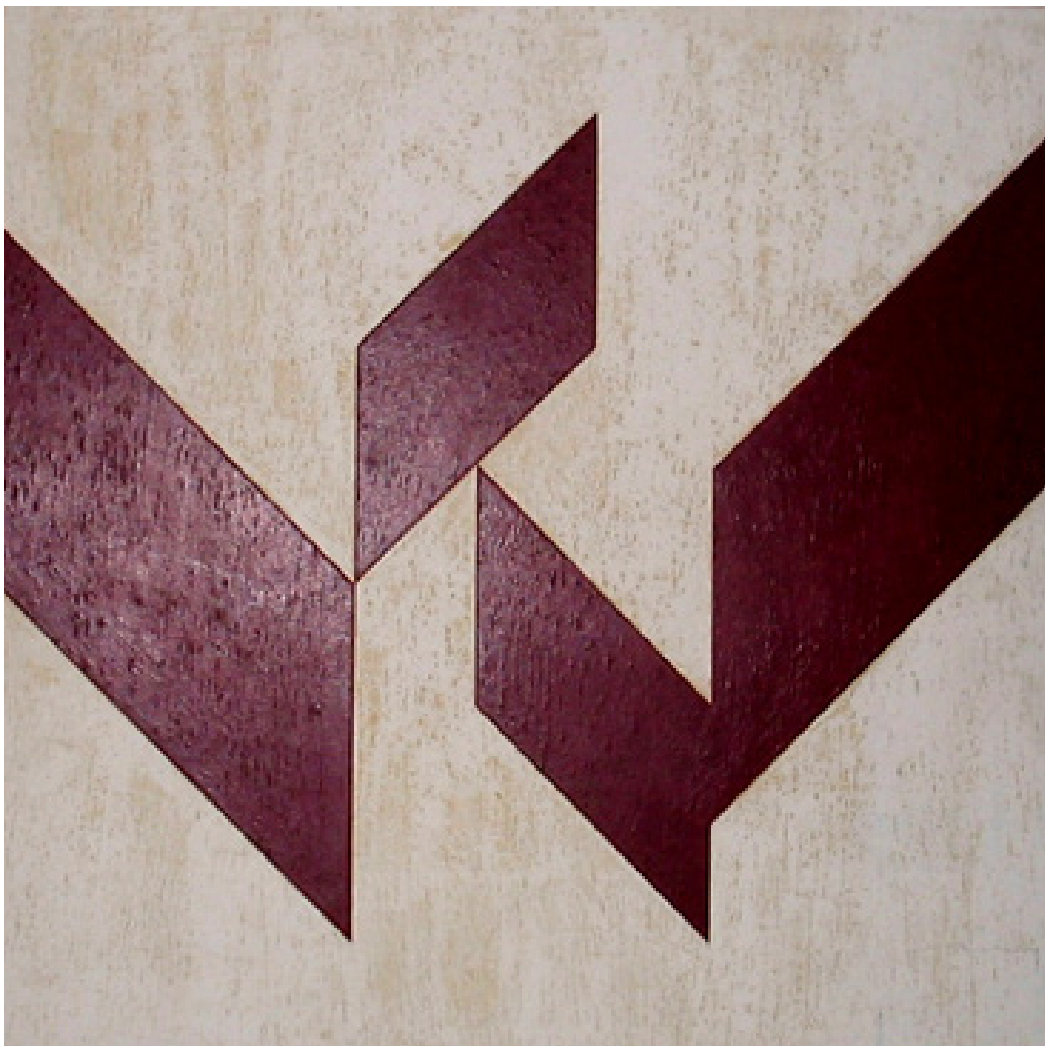


Figura 2 - Óscar Ramos, Sem título. Aglomerado sobre madeira, s.d., 49 x 36cm. Fonte: Coleção Pinacoteca do Estado do Amazonas.

Amazonense na Galeria de Artes Hahnemann Bacelar, Universidade Federal do Amazonas (1992).

Procurando expressar esta necessidade interior, as cores e as formas subliminares ganham movimento na pintura Mensageiro do Apocalipse (Figura 3), pertencente ao acervo da Pinacoteca do Amazonas. Utilizando pinceladas ágeis, o artista sugere a forma do cavaleiro e enfatiza a ideia de movimento através da tonalidade lilás, azul e magenta.

Figura 3 - Anísio Melo, Mensageiro do Apocalipse. Óleo sobre fibra, c.1985, 50 x 61cm.
Fonte: Coleção Pinacoteca do Estado do Amazonas.



Cabe destacar o talento retratístico de Manoel Borges (1944-1987), cujo estilo realista e naturalista aproxima-se mais do gênero acadêmico. Desenhista, pintor e fotógrafo, produziu intensamente nos anos 1960 e 1970. Trabalhou inicialmente na Foto Nascimento, com retoque e colorido de fotografias. Depois atuou como guia de museus e também foi professor no curso de desenho e pintura da Pinacoteca do Estado do Amazonas. Participou de diversas exposições locais, na Biblioteca Pública em Manaus (1979), no Teatro da Paz em Belém (1982), em mostras coletivas como a exposição Arte Contemporânea Amazonense no Museu de Artes de São Paulo (1967) e no Rio Sheraton Hotel, Rio de Janeiro (1983).

A vertente expressionista e neorrealista fez-se presente nas obras do escultor, entalhador, gravurista e professor Álvaro Reis Páscoa (1920-1997), artista português naturalizado brasileiro, radicado em Manaus desde 1958. Iniciou sua formação artística no Porto, onde tomou contato com movimento neorrealista, que marcou a terceira fase do modernismo português, e participou das atividades vanguardistas do Teatro Experimental do Porto. Além de atuar no Clube da Madrugada e contribuir para

o suplemento literário Caderno Madrugada com xilogravuras e outras ilustrações, exerceu durante sua trajetória um importante papel na política cultural do Estado do Amazonas nos anos 1970. Da sua atividade artística, pode-se dizer que participou de várias exposições promovidas em Manaus pelo Clube da Madrugada, tais como o I Salão de Artes Plásticas do Clube da Madrugada e a I e III Feira de Artes Plásticas, com esculturas, gravuras, entalhes e desenhos. Suas obras figuram em museus e entidades públicas do Brasil e no exterior. (PÁSCOA, 2012, p.156)

Como exemplo de obra gráfica, merece atenção a xilogravura Os Recém-Casados (1965) (Figura 4). A xilogravura enfatiza o banho dos recém-casados,

evocando o erotismo e a languidez inocente.

Existem dois planos nesta obra marcada por figuras e fundo, em que os personagens escondem seus rostos e sua identidade em seus corpos. O primitivismo é abordado em seu aspecto psicológico e formal. Nesta obra, as pessoas são o reflexo de sua carga erótica e precisam deste elemento para sobreviver à brutalidade da vida. Durante sua trajetória exerceu vários cargos públicos e contribuiu decisivamente na formação de vários artistas, dentre eles Hahnemann Bacelar, Enéas Valle, Zeca Nazaré, Van Pereira, Thyrso Muñoz, Jair Jacqmont, dentre outros que continuam ativos atualmente.



Figura 4 - Álvaro Páscoa, Os recém-casados. Xilogravura, 1965.
Fonte: Coleção particular.



Figura 5 - Getúlio Alho, capa de Chavascal, de Anthisthenes Pinto, 1965.

Dentre os artistas que despontaram nos anos 1960, destaca-se Getúlio Alho (Manaus, 1942), arquiteto, desenhista, artista gráfico, gravador e escritor. Formou-se em arquitetura na Universidade de Brasília (1967-1972), onde frequentou um curso de pintura com Rubem Valentim. Nesta época, trabalhou com desenho publicitário e artes gráficas no jornal *Correio Braziliense* (Brasília).

Participou, dentre outras, das seguintes exposições: I Feira de Artes Plásticas, Manaus (1963), II Feira de Artes Plásticas, Manaus (1964); III Salão Nacional de Arte Universitária, de Belo Horizonte (1970), I Salão de Artes Visuais de São Carlos (1980). Publicou vários contos e ilustrações na página artística *Caderno Madrugada em O Jornal*, de 1961 a 1965; e vários livros. Seus trabalhos iniciais foram influenciados pelas xilogravuras de Oswaldo Goeldi, pelos desenhos de Percy Lau, Poty, Caribé e Darel Valença. Na pintura, seguiu um traço expressionista e informal, cores equilibradas e formas sugeridas, como é possível observar na capa de *Chavascal* (Figura 5). Nos desenhos, a linearidade mostra o apuro técnico e a firmeza do traçado, além da consciência espacial.

Em 1963, Gualter Batista (1945-1993) expôs pela primeira vez suas telas na I Feira de Artes Plásticas, promovida pelo Clube da Madrugada. Gualter Batista atuou como pintor, fotógrafo, diretor de fotografia de cinema, roteirista de cinema, programador visual e arquiteto. Em 1964 também figurou na segunda edição da Feira de Artes Plásticas, recebendo uma menção honrosa pelo conjunto da obra. Em 1965, mudou-se para Brasília, onde frequentou por um ano o curso de

pintura no ateliê de Glênio Bianchetti. Transferiu-se para São Paulo em 1966 e começou a atuar como fotógrafo profissional. Formou-se em arquitetura em 1974, trabalhando nesta área em seguida. Sua atuação no cinema teve início em 1961, ainda em Manaus, quando realizou a fotografia e o argumento do filme *As Letras*, em 8mm, com o irmão Djalma Limongi Batista.

Durante esta fase, o artista começou a interessar-se profissionalmente pela fotografia de cinema. Das obras cinematográficas em parceria com seu irmão, pode-se destacar *Um Clássico Dois em Casa Nenhum Jogo Fora*, e *Mito da Competição do Sul, Porta do Céu*, entre outros. Durante toda a década de 1980 teve uma intensa produção fotográfica profissional para editoria, moda, arquitetura e teatro. Sua obra pictórica da fase inicial, no momento em que expôs através do Clube da Madrugada, mostra que o artista possuía grande sensibilidade estética, composição bem elaborada, desenho detalhado e vigoroso colorismo. Seu óleo sobre tela *Paisagem ao pôr-do-sol*, de 1964 (Figura 6), mescla a figuração e as pinceladas expressionistas e vibrantes. O que se verifica é a excelente concepção espacial do artista, que depois utilizaria este predicado para

contribuir com a arquitetura, a fotografia e o cinema.



Figura 6 - Gualter Batista,
Paisagem ao por-do-sol.
Óleo sobre tela, 1964, 59
x 42cm.
Fonte: Acervo da Família
Limongi Batista.

Com um comportamento rebelde e intempestivo, Afrânio de Castro (1932-1981) participou do Clube da Madrugada a partir dos anos 60. Sua produção transitou entre a figuração naïf ingênua e o abstracionismo lírico orgânico. Pintor, escultor e ilustrador, filho do literato Antônio Mavignier de Castro foi, autodidata, um dos diretores da Pinacoteca do Estado do Amazonas (1971-1975), membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), membro do Clube da Madrugada e diretor da Galeria de Arte da Fundação Cultural do Amazonas. Participou da

IX Bienal de São Paulo (1964); recebeu Menção Honrosa, Prêmio Estado do Amazonas por ocasião do II Festival da Cultura, Manaus (1968); figurou na exposição coletiva Arte Contemporânea Amazonense, no Museu de Arte de São Paulo (1967), e sua última realização foi no II Salão Curupira de Artes Plásticas, promovido pela Associação Amazonense de Artistas Plásticos (Manaus, 1981).

Em 1963, o poeta e pintor José Coelho Maciel (n. 1945), de Coari, AM, mudou-se para Manaus e algum tempo depois entrou para o Clube da Madrugada. Autodidata, frequentou a Pinacoteca do Estado do Amazonas, o Grupo de Estudos Cinematográficos e as exposições sob os auspícios do Clube da Madrugada. Participou da II e III Feira de Artes Plásticas do Amazonas, onde obteve o segundo lugar em pintura na segunda edição. O artista visual e arquiteto argentino Horacio Elena esteve em Manaus por vários meses em 1964, ocasião em que participou intensamente do Clube da Madrugada, expondo na Galeria Jornal do Comércio como parte dos eventos comemorativos do décimo aniversário do Clube.

No âmbito da fotografia e do cinema nos anos 1960, destaca-se Normandy Litaiff (Coari, AM, 1939). Iniciou seus estudos de fotografia em preto e branco com Silvino Santos e os estudos de fotojornalismo com Óscar Ramos (pai). No Clube da Madrugada colaborou através das exposições de fotografias e também com ilustrações de livros para vários autores. Foi o vencedor do 1º Festival de Cinema Amador do Amazonas, com o filme de curta-metragem em preto e branco *Carniça*, em 1967, de caráter neorrealista. Com a exposição *Amazônia Erótica* percorreu vários espaços culturais de Manaus, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Fortaleza. Sua obra possui um caráter de denúncia social e também uma preocupação ecológica, características que fizeram com que várias de suas obras tivessem uma recepção polêmica. Na série *Amazônia Erótica* (Figura 7), Litaiff reflete sobre a natureza, que protesta e expressa silenciosamente através de suas formas e póstica, as agressões que sofre do homem.

Outro artista ativo em Manaus desde os anos 1960 é Jair Jacqmont (Manaus, 1947). Iniciou seus estudos no Curso de Desenho e Pintura na Pinacoteca do Estado do Amazonas (c.1967) e depois por

um período no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Participou da mostra *Como Vai Você, Geração 80?* (BR 80: Pintura Brasil década 80), ao lado de Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Ricardo Basbaum, dentre outros. Jair Jacqmont foi influenciado pela tendência neo-expressionista dos anos 1980 e compôs suas obras seguindo também a nova figuração sintética e a abstração lírica. Dentre as exposições individuais, merece destaque a realizada na Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade em 1983, no Rio de Janeiro. Participou de várias exposições coletivas, dentre elas devem ser evidenciadas as seguintes: II Feira de Artes Plásticas realizada pelo Clube da Madrugada em Manaus (1964), onde recebeu o prêmio de desenho; 7º Salão de Verão, no MAM/RJ (1975); Rio de Janeiro; 4º, 5º e 6º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1981, 1982 e 1983); 14º e 15º Panorama de Arte Atual Brasileira no MAM/SP, (1983 e 1984); Bienal de Valparaíso, Chile (1983). Em suas pinturas abstratas predominam o colorismo intenso e a pincelada rápida, mostrando uma visão particular da paisagem natural, da representação da vegetação amazônica.

Jovem talento premiado em 1966, Hahnemann Bacelar (1947-1971) distin-



guiu-se na pintura pela primeira vez na II Feira de Artes Plásticas, montada na Praça da Saudade. Foi nessa ocasião que o artista ganhou o primeiro lugar do prêmio em pintura e foi eleito sócio do Clube da Madrugada, como reconhecimento de seu valor artístico. (SOUZA, 1981, p.5) Durante a década de 60, suas obras estão impregnadas de elementos expressionistas de caráter social e neo-realistas. Influenciado pelos princípios do movimento da contracultura, Bacelar envolveu-se com drogas e suicidou-se em fevereiro de 1971, aos 23 anos. Seus interesses não eram restritos apenas à pintura, mas também se estendiam à escultura, à xilogravura e ao desenho. Sua obra está dispersa em coleções particulares, mas àquelas pertencentes ao acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas mostram sua marca expressionista. Hahnemann Bacelar procurou retratar a

Figura 7 - Normandy Litaiff, série *Amazônia Erótica IV*. Fotografia, sépia, 9 x 13cm, c.1970-80
Fonte: Coleção do artista.

Amazônia através de seus personagens, de um modo mais realista. Observando a obra intitulada Miséria (Figura 8), um óleo de 1968, percebe-se muitas semelhanças formais e temáticas da iconografia expressionista do início do

século XX. Existe uma sobreposição de corpos em várias posições. Inicialmente observamos a preocupação social do artista com a condição da mulher, pois estas são mais recorrentes em sua obra. As fortes pinceladas e o uso de cores



Figura 8 - Hahnemann Bacelar, Miséria. Óleo sobre tela, 1968. 98 x 77cm. Fonte: Coleção Pinacoteca do Estado do Amazonas.

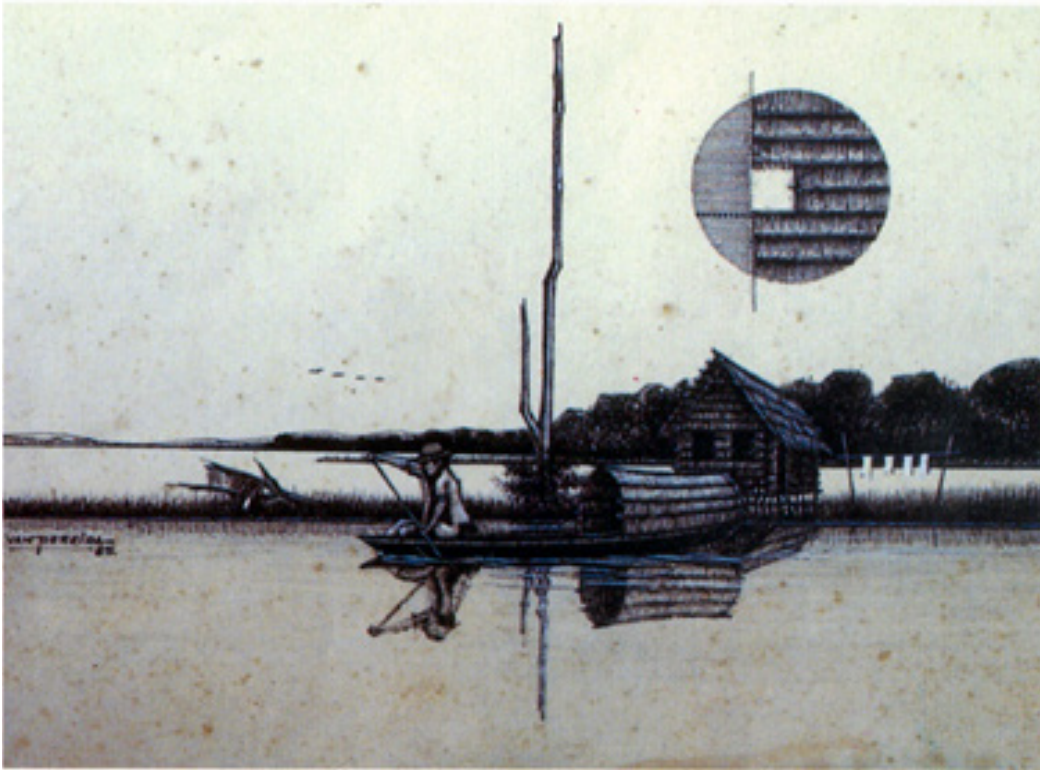


Figura 9 - Van Pereira,
Paisagem. Nanquim sobre
papel, 1985.
Fonte: Coleção Pinacoteca
do Estado do Amazonas.

contrastantes mostram a sua originalidade técnica e a despreocupação com o acabamento e com a harmonia clássica de composição.

Um artista que se destaca pela intensa colaboração na ilustração no Clube da Madrugada nos anos 1970-1980 é Van Pereira (Nhamundá, AM, 1952). Desenhista, escultor, pintor e ilustrador, estudou na Pinacoteca do Estado do Amazonas, onde, em 1971, recebeu o 1º Prêmio entre os alunos. Em 1973, ganhou o 1º Prêmio Estado do Amazonas na categoria pintura, e em 1974, foi contemplado com o Prêmio Pré-Bienal de São Paulo. Em 1984, produziu um

íntegro conjunto de ilustrações para Filhos da várzea, de Aníbal Beça; em 1991, realizou uma série de ilustrações para um livro da escritora japonesa Suma Jinai, a convite da Editora Fukuinkan de Tóquio, Japão.

Van Pereira possui um excelente domínio técnico do desenho e sua obra reflete uma configuração naturalista e fantástica da Amazônia. A junção entre a técnica e o sentido espiritual foi um dos fatores responsáveis pela receptividade de sua obra no Japão. Durante a década de 1970 sua obra gráfica recebeu influências estéticas da pop art, mas depois encontrou um caminho particular,

que reunia experiências figurativas com organização geométrica, traços simbolistas e surrealistas, pois nesta fase o artista passou a elaborar muitas de suas obras a partir de seus sonhos.

O sol geometrizado, o trançado vívido e outros elementos de seu repertório parecem ser traduções líricas de suas lembranças de convívio com antepassados místicos da região do Baixo Amazonas.

Conclui-se que o Clube da Madrugada floresceu num momento de dificuldades

econômicas, tensão política e repressão ditatorial, mas tudo isso não impediu sua iniciativa. O espírito de novidade e abertura artística contagiou todo o ambiente intelectual com a chama de modernidade, proporcionando uma renovação cultural dinâmica que procurava uma articulação que suplantava o espaço regional. Assim, os membros do Clube, para além das obras literárias e visuais, deixaram uma contribuição efetiva: a intervenção social e intelectual na cidade.

Referências

- AGUIAR, José Vicente S. *Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60*. Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2002.
- BLAKE, Nigel, FRASCINA, Francis. *Modernidade e Modernismo: a pintura francesa no século XIX*. São Paulo: Cosac Naify, 1998.
- BR 80: *Pintura Brasil década 80. Apresentação de Ernest Robert de Carvalho Mange*. Organizado pelo Instituto Cultural Itaú. Textos de Frederico Moraes e Aline Figueiredo. Campo Grande: Itaugaleria, 1991.
- BURGUIÈRE, Alain. (Org.) *Dicionário de Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CADERNO Madrugada, O Jornal, Manaus, 28 ago. 1966, ano VI, n. 25.
- CADERNO Madrugada. O Jornal, Manaus, 3 jan. 1965, ano VI, n. 25.
- CLAUSEN, M.L. *Art à La Rue*. Disponível em: <http://www.groveart.com>. Acesso em 18 de novembro de 2016.
- CLUBE da Madrugada. *Festa do Violão. Regulamento*. Manaus, 10 de agosto de 1965.
- FARIAS, Elson. *Relatório das Atividades da Fundação Cultural do Amazonas - referente ao exercício de 1970 - Apresentado ao Conselho Estadual de Cultura*. Manaus, 1970. Documento datilografado.
- MORAIS, Frederico. *Artes plásticas e a crise da hora atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- NOTAS. *O Jornal*. Manaus, 28 ago. 1966, ano VI, n. 25.
- PÁSCOA, Luciane. *Álvaro Páscoa: o golpe fundo*. Manaus: EDUA, 2012. Coleção Oficina das Artes.
- PÁSCOA, Luciane. *Artes Plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada*. Manaus: Valer, 2011.
- SOUZA, Márcio; PÁSCOA, Álvaro (Org). Hahnemann Bacelar. *Manaus: Edições Governo do Estado*; Fundação Cultural do Amazonas, 1981.
- TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada: 30 anos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.
- _____. *Curso de Arte Poética*. Fortaleza: Ed. Livro Técnico, 2002.
- _____. *Quando e como surgiu o Clube da Madrugada*. O Jornal, Manaus, 25 abr. 1965, ano V, n° I, Caderno Madrugada.
- TUFIC, Jorge, et al. *O Clube da Madrugada e a Poesia de Muro*. O Jornal, Manaus, 4 jul. 1971.
- VASCONCELOS, Francisco. *Relatório que faz o clubista Francisco Vasconcelos, presidente do Clube da Madrugada, sobre o período administrativo de 22 de novembro de 1964 a 22 de novembro de 1965*. Manaus, 22 de novembro de 1965, p. 3. Texto datilografado.